

### 3. O caráter do jornalista: as entrevistas

*Vou te contar uma história, posso? Tinha um motorista que trabalhava em carros fortes e na época assaltavam muito, aí conseguiu uma vaga aqui no jornal. Ele ligou pra mulher e disse: “querida, agora estou no jornal e acabou essa história de tiroteio”. Na primeira saída ele foi pra uma matéria com a Luíza Brunet, pediu autógrafo, depois foram outras com outros artistas, ele ficou encantado. Aí uma hora antes dele largar, o diretor de redação me chamou pra subir o morro do Cantagalo porque estava tendo um tiroteio, pra sair com foto na segunda edição. Eu e o fotógrafo fomos pro carro e falamos que a gente tava indo pra Ipanema. O olho dele brilhou, ele ficou todo feliz porque achou que ia encontrar artista. Eu brinquei: “vamos encontrar artistas pra caramba!” Quando chegamos perto da favela estava tudo escuro, eu falei pra ele apagar a lanterna do carro pra gente entrar devagarzinho. Quando a gente parou o carro começou o tiroteio, eu vi bola de fogo cruzando o céu, parecia que a gente estava no meio de uma guerra. Eu me abriguei atrás de um poste, porque eu sou magrinho, o fotógrafo estava atrás dos carros dos PMs, e o motorista, nós gritamos para ele arranjar um abrigo, aí ele se jogou no chão. Aí meu chefe telefonou com o tiroteio comendo: “Onde você está Natal? Na guerra? Volta logo pra redação, pelo amor de Deus!” Eu tinha apurado a história e falei: “É hora da gente ir embora”. Quando chegamos numa parte de Ipanema que tinha luz, adivinha o que aconteceu? Ele (o motorista) procurou abrigo numa viela onde tinha fossa a céu aberto e ficou todo sujo. Essa história foi muito engraçada. É que ele não fazia ideia do que era trabalhar como jornalista.*

*(Lúcio Natalício, in memorian)*

#### 3.1. As entrevistas

A presença marcante nos depoimentos dos jornalistas de uma ideia de prática que constitui predominantemente o caráter do grupo merecia uma investigação mais profunda. Para tal, optei pela realização de entrevistas com um grupo maior de profissionais brasileiros e, ainda, pela realização de entrevistas com profissionais de outro país, no caso, os Estados Unidos.

Dessa forma, ao ter acesso a um número maior de jornalistas brasileiros, a ideia sobre a percepção da construção de modos de *ser* e *fazer* jornalismo relacionados a elementos que constituem a ideia de prática poderiam ser entendidas com mais detalhes e ganhar novos elementos. E, ao entrevistar profissionais norte-americanos, seria possível colocar esta construção retórica e constitutiva do caráter do grupo em perspectiva comparada, buscando interlocutores orientados por outra cultura. As entrevistas com jornalistas de outro

país seriam importantes também para verificar se o discurso de valorização dos critérios práticos e sua influência direta no delinear do caráter do grupo se relacionam a características peculiares ao jornalista brasileiro ou se há, entre profissionais de ambos os países, alguma convergência discursiva e formadora de um caráter favorável aos critérios definidos como práticos.

A opção por jornalistas norte-americanos não foi feita ao acaso. Ela se deu em virtude de as escolas de jornalismo, os jornalistas e meios de comunicação deste país terem tido grande influência na formação das escolas de jornalismo, jornalistas e meios de comunicação brasileiros. Nesse sentido, toda esta influência pode servir como fonte de convergências discursivas e de atuação ligadas ao que significa *ser e fazer* jornalismo.

Os jornalistas brasileiros selecionados para esta segunda fase de entrevistas continuaram sendo profissionais que atuam ou atuaram em jornais impressos da cidade do Rio de Janeiro, enquanto os profissionais norte-americanos selecionados faziam parte do grupo de profissionais que atua ou atuou em jornais impressos da cidade de Nova York.

A escolha de Nova York se deu pois, assim como o Rio de Janeiro, a cidade atua como um centro de referência de mídia nos Estados Unidos. A cidade é um centro onde empresas midiáticas constituem sedes, a partir do qual disseminam notícias para o restante do país. Cidade onde os fatos locais são relevantes e de onde notícias que ocorrem em todo o mundo são redigidas e divulgadas. Além disso, a cidade hospeda importantes escolas de jornalismo, com estudantes que chegam de todas as partes do país para estudarem e também para tentar trabalho em um veículo de comunicação da cidade.

O questionário produzido para ouvir estes jornalistas sofreu algumas alterações desde aquele utilizado na pesquisa de Qualificação. Ele continuou sendo amplo e tendo como proposta não produzir direcionamentos acerca do que poderia surgir sobre a formação do caráter do jornalista, mas, agora, ele tinha a intenção de entender melhor o sentido da valorização dos critérios práticos na formação deste caráter e, ainda, buscar novos elementos que pudessem auxiliar na interpretação da construção desta retórica e identidade de grupo.

Além das mudanças e acréscimos de questões, o questionário também ganhou uma versão em inglês. Esta versão também permitiu que profissionais entrevistados que solicitassem o questionário pudessem recebê-lo em seu idioma e, conforme ocorreu em alguns casos, respondê-lo por escrito.

### 3.2.

#### **Brasil e Estados Unidos: existe um traço do caráter que ultrapasse fronteiras?**

Para a expansão da discussão sobre o caráter do jornalista e identificação de elementos que pudessem ajudar no entendimento sobre a valorização dos critérios práticos na formação deste caráter, foram realizadas entrevistas com um número maior de jornalistas brasileiros e também com profissionais norte-americanos.

Assim, seria possível colher novos depoimentos de profissionais brasileiros, a fim de compará-los com as primeiras entrevistas e também buscar depoimentos de profissionais de outro país, ganhando a possibilidade de comparação de semelhanças naquilo que, através do discurso nativo, é reivindicado como elementos formadores do caráter do jornalista.

Portanto, a intenção de colher depoimentos de jornalistas de Brasil e Estados Unidos se deu pois, mesmo que estes estejam sujeitos às influências da cultura de seus países de origem, há a possibilidade da existência de critérios convergentes e que possam ser percebidos nos grupos de ambos os países<sup>8</sup>.

E, conforme assinalado anteriormente, a opção por jornalistas brasileiros e norte-americanos não foi aleatória, já que o modelo de fazer jornalismo no Brasil

---

<sup>8</sup> Este trabalho tem a intenção de dar ênfase aos aspectos semelhantes, aos pontos de convergência existentes nos discursos de jornalistas brasileiros e norte-americanos no que diz respeito à visão sobre os modos de *ser e fazer* jornalismo, sobre a formação do caráter do grupo. Isso não significa que não haja inúmeros aspectos divergentes entre os grupos de ambos os países nem mesmo entre os profissionais de um mesmo país. Há uma escolha pela busca dos aspectos semelhantes encontrados na construção retórica do grupo. Aspectos que se assemelham e estabelecem sentido à formação de seu caráter, influenciando nos modos de se perceber e agir enquanto jornalista. Além disso, a busca pelos aspectos semelhantes não tem a intenção de propor que brasileiros e norte-americanos, ao produzirem um discurso de formação de caráter convergente, o produzam sem a relevância de suas diferenças culturais. Não se trata de retirar o peso cultural que há sobre estes profissionais na maneira de interpretar o mundo e, com isso, seu próprio caráter. Dessa forma, os aspectos aqui apontados devem ser encarados como similares, já que é preciso levar em consideração a existência de características culturais distintas entre profissionais brasileiros e norte-americanos.

foi influenciado pelo modelo norte-americano. Dessa forma, os discursos sobre o que é *ser e fazer* jornalismo entre os jornalistas brasileiros podem convergir com interpretações sobre o caráter dos profissionais norte-americanos, por serem grupos que possuem um nível de interação que potencializa a existência de traços semelhantes.

Segundo Carlos Eduardo Lins da Silva, em “O adiantado da hora. A influência americana sobre o jornalismo brasileiro”, é bastante significativa a relação entre o jornalismo brasileiro e o norte-americano. Segundo o autor, há registros de interesse das empresas jornalísticas brasileiras e dos jornalistas pelo modelo norte-americano de fazer jornalismo desde a década de 1920. E daí em diante, a aproximação foi se estreitando cada vez mais:

*É na década de 40 que dois dos mais importantes jornalistas do Brasil vão aos EUA e voltam de lá dispostos a mudar alguns padrões da imprensa do Brasil na direção da americana. Um deles é Pompeu de Souza (...) (Lins da Silva, 1990: 77).*

Seja através de visitas de jornalistas brasileiros a redações norte-americanas e o retorno ao Brasil com projetos de mudanças no jornalismo brasileiro, seja pelo retorno de profissionais que viveram uma experiência de moradia e/ou estudos nos EUA, o que fica evidente, segundo Lins da Silva, é que o jornalismo norte-americano passa a influenciar as redações brasileiras.

Lins da Silva também ressalta o estreitamento das relações diplomáticas entre os dois países e a admiração pela postura empresarial das empresas jornalísticas norte-americanas por parte dos empresários ligados à imprensa brasileira como fatores influentes para a aceitação do modelo norte-americano.

A década de 1970 confirma e expande a influência do jornalismo norte-americano no Brasil. Entre os fatores que contribuíram para tal, Lins da Silva destaca o caso Watergate e a implantação do modelo da escola norte-americana no Brasil:

*o caso Watergate, em meados da década de 70, também se constituiu num agente fundamental para a disseminação generalizada da ideia de que só numa sociedade com um tipo de jornalismo como o americano é possível à imprensa exercer um papel político tão predominante (Idem, 1990:83).*

O caso Watergate<sup>9</sup> serviu de exemplo de modelo jornalístico a ser seguido e ajudou a “cimentar a hegemonia ideológica dos conceitos da escola americana de jornalismo no Brasil” (Idem, 1990:84), ao criar uma imagem de que o jornalismo pode ser capaz de exercer um papel transformador relevante na sociedade.

Confirmando a influência do jornalismo norte-americano no Brasil, o autor revela, que nos anos 1970, jornalistas que viveram ou foram influenciados pelos Estados Unidos chegam às redações apresentando conceitos adquiridos por lá. Dessa forma, muitos jornais ganharam características marcantes do modelo importado:

*Não há exemplo mais acabado desta situação do que o da Folha de S. Paulo. A leitura do Manual de Redação desse jornal e os estudos científicos que vêm sendo feitos a seu respeito mostram com clareza indiscutível que se tem ali um caso de influência consciente, não-ocasional, do jornalismo americano sobre o brasileiro (Ibidem, 1990: 86,87).*

Além disso,

*os cursos de jornalismo que se expandiram no Brasil a partir da regulamentação de 1969 da profissão de jornalista, que tornou obrigatório o diploma de bacharel na área para o exercício da atividade [foi] outra fonte de inestimável importância para a disseminação dos valores e técnicas do jornalismo americano na imprensa brasileira (Ibidem, 1990:84).*

Isso porque

*a escassez de literatura específica produzida no país e o fácil acesso aos livros americanos na área fizeram dos autores americanos os responsáveis pelos textos básicos com que o estudante se [formava] no Brasil (Ibidem, 1990:85).*

Ainda assim é preciso perceber, segundo o autor, embora os dois países produzam tipos de jornalismo distintos em razão de suas características históricas,

---

<sup>9</sup> Os jornalistas Carl Bernstein e Bob Woodward, do jornal *Washington Post*, escreveram uma série de reportagens investigativas que provava a existência de um esquema de corrupção dentro do Partido Republicano. Entre os casos investigados, estava a ligação da Casa Branca com a invasão, em 1972, da sede do Partido Democrata. O caso ficou conhecido como Watergate por ser este o nome do edifício onde existia a sede do Partido Democrata. Além disso, o trabalho investigativo dos jornalistas é considerado de extrema importância para a renúncia do presidente Richard Nixon, em 1974. A série de reportagens serviu para profissionais de jornalismo como modelo de apuração a ser seguido e também se tornou grande sucesso junto ao público em geral com a adaptação para o cinema do livro **Todos os homens do presidente** (1974).

econômicas, políticas e culturais, que foi o conceito norte-americano o escolhido enquanto padrão a ser seguido pelos meios de comunicação brasileiros:

*O jornalismo brasileiro aceita o modelo americano de jornalismo (...) como hegemônico. Mais isso não significa ser ele submisso, dependente ou mero reprodutor de conceitos alheios. Ele goza de relativa autonomia, reinterpreta o que absorve, incorpora suas próprias ideias, junta aspectos de outras escolas (a francesa, a britânica e a ibérica em particular) para formar um jornalismo com características peculiares, mas ainda assim dentro da hegemonia ideológica do jornalismo norte-americano (Ibidem, 1990:36).*

As regras que o modelo americano trouxe aos modos de escrever no Brasil são tratados por José Maria Mayrink, em “Vida de Repórter” (2002), no qual o jornalista revela sua trajetória profissional e os cuidados com a redação das matérias. Matérias essas que deviam seguir o modelo norte-americano. Mayrink citava regras como *lead*, *sublead*, pirâmide invertida como regras que deveriam aparecer nos textos dos jornalistas:

*Lead, sublead em parágrafos corridos, entretítulos a cada 20 linhas, a matéria seguida, à risca, a técnica da pirâmide invertida, que teoricamente permitia cortar o texto pelo pé, sem maior prejuízo (Mayrink, 2002:25).*

Em “Ser jornalista no Brasil. Identidade profissional e formação acadêmica”, Fernanda Lima Lopes apresenta a presença de marcas no jornalismo norte-americano no Brasil, principalmente a partir dos anos 1950, quando o modelo de jornalismo brasileiro começa a se afastar da influência dos modelos europeus, principalmente do modelo francês, e se vale de características norte-americanas de fazer jornalismo, utilizando o ideal da objetividade, a valorização da publicidade e inovações tecnológicas e de técnicas de redação.

Segundo a autora, a padronização dos textos a partir do ideal da objetividade e da neutralidade jornalística:

*significaram, em alguma medida, o aumento da sensação de isenção produzida pelo discurso jornalístico informativo. As técnicas de objetividade procuraram propositalmente se afastar do antigo modelo prolixo, de terminologia rebuscada, com uso de termos de linguagem jurídica ou de estilo literário, mas, principalmente, cheio de juízo de valor explícito. Nesse sentido, a notícia e a reportagem acabaram se tornando os produtos jornalísticos que melhor sistematizavam a imagem do jornalismo pós-reformas dos anos 1950. (...) A abstenção do uso dos adjetivos, a presença de aspas e do discurso indireto, a regra de saber abranger os dois ou mais lados da questão, entrevistando todos os envolvidos nela e dando igual espaço a eles, são alguns exemplos de recursos*

*retóricos capazes de provocar uma aura – ainda que ilusória – da neutralidade* (Lopes, 2013:77).

E para além da apreensão das técnicas jornalísticas entre os profissionais:

*os impactos da adoção da norma da objetividade pelos veículos de comunicação não se restringem a transformações da ordem da prática jornalística. A identidade do grupo passou a estar necessariamente vinculada a ela (ideia de objetividade) não apenas pelo que ela significou na dimensão dos fazeres, mas também porque alcançou o âmbito dos valores, bem como dos saberes. A partir dos anos 1950, esse ideal tornou-se pilar fundamental para construção de toda uma deontologia* (Idem, 2013:78).

Entre os exemplos citados pela autora sobre a influência do modelo de jornalismo norte-americano estão ainda a confecção de Manuais de Redação nos moldes norte-americanos, “a organização de cursos nas redações dos jornais para ensinar as novas técnicas de redação e estilo” (Ibidem, 2013:79), o ensino universitário que aplicou técnicas de objetividade em suas disciplinas, afetando assim a organização curricular das universidades, a visita de jornalistas aos Estados Unidos, até mesmo a convite do Departamento de Estado americano, dentre outros.

Assim, das normas ao ensino universitário, das técnicas de redação ao ideal de objetividade, do intercâmbio formal às viagens informais de jornalistas, os modos de *fazer* jornalismo no Brasil foram se aproximando dos modos de *fazer* jornalismo nos Estados Unidos, estabelecendo relações cada vez mais fortes entre os modelos.

### **3.2.1. Rio de Janeiro e Nova York**

A escolha das cidades do Rio de Janeiro e Nova York se deu por serem grandes centros da mídia e para a mídia. O Rio de Janeiro abriga a sede de um dos maiores jornais brasileiros, *O Globo*, e Nova York o maior jornal norte-americano, o *The New York Times*. Além destes dois veículos impressos de grande porte, as duas cidades abrigam um grande número de profissionais de jornalismo que atuam em outros veículos impressos, bem como em muitos outros veículos midiáticos. Também são dois grandes centros urbanos por onde importantes notícias circulam e se tornam relevantes de serem apuradas e divulgadas para todo o território nacional e onde importantes escolas de jornalismo estão localizadas.

O número de jornais de grande, médio e pequeno porte que circulam por estas cidades é significativo e estas foram cidades que se tornaram referências de atuação da mídia. E a força da presença midiática nas duas cidades ultrapassa a participação dos jornais impressos. São locais com centros universitários de referência em Jornalismo, com grande número de empresas de rádio, TV, Internet, agências de notícias que atuam das formas mais variadas e que expandem seu trabalho jornalístico para o restante do país e do mundo.

A cidade de Nova York é a mais populosa<sup>10</sup> dos Estados Unidos, com mais de oito milhões de habitantes. Ela é um importante centro de moda, pesquisa, tecnologia, arte, turismo, finanças, comércio e mídia e os acontecimentos da cidade se tornam relevantes para todo o país. A cidade em si é notícia relevante, pois possui grande influência na economia, política e cultura norte-americana e, além disso, é um centro que produz e analisa notícias e as faz circular pelo resto do país.

O jornal mais lido no país pelos leitores de maneira geral e também entre os jornalistas norte-americanos é redigido na cidade de Nova York. Segundo pesquisa realizada em “The American Journalist in the 21st Century” (Weaver, 2007), o periódico *The New York Times* lidera a lista dos jornais mais lidos pelos jornalistas norte-americanos. E este resultado se repete desde que a pesquisa incluiu este item na lista de perguntas, nos anos 1980, até a última pesquisa realizada em 2002 (Weaver: 2007: 24, 25, 26).

A cidade de Nova York também abriga universidades de renome que oferecem cursos de graduação e pós-graduação em Jornalismo e áreas afins. Entre as importantes universidades estão a NYU (New York University), Fordham University, CUNY (City University of New York), Columbia University, entre outras. Sendo esta última considerada uma das mais importantes universidades do país<sup>11</sup>. Além disso, o Departamento de Jornalismo da Universidade de Columbia

---

<sup>10</sup> Fonte: documento **Population Distribution and Change: 2000-2010**, publicado em 2011 pelo United States Census Bureau, no site [www.census.gov](http://www.census.gov)

<sup>11</sup> A Universidade de Columbia e mais sete universidades fazem parte da Ivy League. Ser integrante desta associação é, para universidades, sinônimo de excelência acadêmica e prestígio. Além da Universidade de Columbia, são membros do grupo as universidades: Brown, Cornell, Dartmouth, Harvard, Pensilvânia, Princeton e Yale.



administra o prêmio de Jornalismo mais importante dos Estados Unidos, o Prêmio Pulitzer<sup>12</sup>.

O Rio de Janeiro também é um centro de referência para o jornalismo, com atividades econômicas, culturais, sociais e políticas que são consideradas relevantes de serem divulgadas para todo o país. Além disso, a cidade é sede de grandes empresas midiáticas que produzem informações que irão circular por todo o país e possui universidades federais, estaduais e particulares que oferecem cursos de Jornalismo.

A mídia impressa carioca conta com a presença de importantes empresas jornalísticas. Entre elas, a maior empresa midiática do país, as Organizações Globo<sup>13</sup>, com diversos produtos jornalísticos em veículos como televisão, rádio, Internet e mídia impressa. Dos cinco jornais mais lidos do país, dois pertencem à organização, segundo pesquisa divulgada pela Associação Nacional dos Jornais<sup>14</sup> (ANJ) e realizada pelo Instituto Verificador de Circulação (IVC), em 2013. São eles os jornais *O Globo* e *Extra*. Além destes veículos, a organização possui também os jornais *Diário de São Paulo* e *Valor Econômico*, este em parceria com o grupo Folha.

### **3.3. As entrevistas e o perfil dos jornalistas**

Nesta segunda etapa de entrevistas, foram entrevistados dez jornalistas brasileiros, somando um total de dezesseis profissionais, já que entrevistei na primeira etapa seis profissionais, e dezoito jornalistas norte-americanos, num total de trinta e quatro jornalistas. Os profissionais entrevistados atuam ou atuaram em jornais impressos nas cidades do Rio de Janeiro e Nova York. Com entrevistas variando entre quarenta minutos e uma hora e meia, também nesta fase, o tempo total de gravação, em torno de 23 horas<sup>15</sup>, foi suficiente para obter informações

---

<sup>12</sup> Atualmente o prêmio elege trabalhos jornalísticos em 14 categorias, com premiações em dinheiro aos ganhadores. Para saber mais: [www.pulitzer.org](http://www.pulitzer.org)

<sup>13</sup> Para saber mais sobre a história das Organizações Globo ver **Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia** (Brittos & Bolaños (org.), 2005).

<sup>14</sup> Pesquisa divulgada em [www.anj.org.br](http://www.anj.org.br)

<sup>15</sup> Das trinta e quatro entrevistas realizadas, trinta foram gravadas com áudio e quatro entrevistas foram respondidas de maneira impressa, após envio de questionário por correio eletrônico. Destas quatro, duas por profissionais brasileiros e duas por norte-americanos.

relevantes para a pesquisa. O encerramento da fase de entrevistas se deu quando as respostas passaram a ser muito semelhantes, tanto quando comparadas às respostas de outros jornalistas por mim entrevistados quanto em comparação às outras fontes utilizadas como fonte para este trabalho.

Para Verena Alberti, em “Manual da História Oral” (2005), há um momento em que os depoimentos passam a se repetir e isso significa que é hora de seguir para uma nova etapa da pesquisa. Quando as entrevistas começam a ficar “saturadas”, produzindo cada vez menos novidade em suas informações, é o momento de análise do material colhido.

Assim como os profissionais entrevistados na primeira etapa, a escolha dos profissionais foi orientada:

*a partir da posição do entrevistado no grupo, pelo significado de sua experiência (...) como unidades qualitativas – em função de sua relação com o tema estudado – seu papel estratégico, sua posição no grupo (Alberti, 2005: 31,32).*

Algumas entrevistas foram realizadas de maneira presencial e outras através de telefone ou *skype*. Durante a primeira etapa das entrevistas, os seis jornalistas que atuam no Rio de Janeiro foram entrevistados pessoalmente. Na segunda etapa, percebi que, para alcançar um número maior de profissionais, precisaria recorrer a recursos como o telefone, e-mail e *skype*. Isto permitiu que eu pudesse conversar com jornalistas em horários mais flexíveis e possibilitou a chance de chegar a um número maior de profissionais e horas de entrevistas.

O conteúdo dos depoimentos não foi menos relevante nas entrevistas não presenciais, pelo contrário, já que os horários mais flexíveis permitiram que os jornalistas ficassem livres para falar sem a preocupação de ter que retornar ao trabalho ou de surgir algum compromisso de última hora.

Tanto no Rio de Janeiro quanto em Nova York, os jornalistas que participaram das entrevistas foram selecionados a partir de sua relevância no grupo e no recorte deste trabalho. Ou seja, atuam ou atuaram como profissionais de jornalismo em jornais impressos. Os contatos com estes profissionais foram feitos através de redes pessoais e profissionais e também através de pesquisas dos

endereços eletrônicos de jornalistas, aos quais enviei e-mail apresentando minha pesquisa e convidando para participação como entrevistado.

Minhas redes pessoais e o contato com pessoas da área do jornalismo me levaram a alguns entrevistados, já que me graduei no curso de Jornalismo e tive experiências profissionais em meios de comunicação, entre elas um jornal impresso do Rio de Janeiro. Também contei com a ajuda de meu orientador, Valter Sinder, para realizar contatos com jornalistas no Brasil e nos Estados Unidos, e me comuniquei com jornalistas do Rio de Janeiro com os quais não possuía contato prévio, através de mensagens enviadas aos seus endereços eletrônicos.

Em Nova York, tive a oportunidade de ser bolsista Capes/Fulbright no Departamento de Mídia da Universidade de Fordham e minha supervisora, Janet Sternberg, me auxiliou indicando alguns profissionais para entrevista. Também contei com a rede de bolsistas e ex-bolsistas Fulbright para entrar em contato com jornalistas da cidade.

Uma outra maneira de encontrar jornalistas para serem entrevistados ocorreu através pesquisa dos endereços eletrônicos de profissionais da área e envio de mensagem apresentando o tema de minha pesquisa e um convite para uma entrevista que iria colaborar com a realização de meu projeto acadêmico.

Apesar de mais acostumados a realizarem entrevistas que serem entrevistados, devo dizer que os jornalistas de ambos os países foram bastante receptivos, demonstraram interesse pela pesquisa, curiosidade pelo resultado final e não se recusaram a responder nenhuma das questões do questionário.

Busquei contemplar profissionais de ambos os sexos e de diferentes faixas etárias em números equilibrados. Nos Estados Unidos, foram entrevistados oito homens e dez mulheres, enquanto no Brasil foram ouvidos sete homens e nove mulheres. Cinco brasileiros e cinco norte-americanos iniciaram suas carreiras antes dos anos 1980, enquanto seis profissionais em ambos os países iniciaram no jornalismo entre os anos 1980 e 2000. Com carreira iniciando após os anos 2000, foram entrevistados cinco brasileiros e sete norte-americanos.

Entre os profissionais entrevistados<sup>16</sup> apenas um jornalista brasileiro não concluiu ao menos o curso de graduação. Destes trinta e três, quinze jornalistas brasileiros estudaram em curso de graduação e (ou) pós-graduação na área de jornalismo. Já entre os norte-americanos, seis profissionais possuem formação em outras áreas, enquanto doze estudaram Jornalismo em curso de graduação e(ou) pós-graduação.

Apenas dois jornalistas brasileiros revelaram ser oriundos de classe baixa. Os outros trinta e dois jornalistas classificaram que suas famílias pertenciam à classe média. Durante a pesquisa, a definição sobre classe média não estava entre as questões feitas ao jornalista e, portanto, o sentido de classe média deve ser percebido em seu aspecto amplo, levando em consideração que esta escolha pela “classe média” pode ter sido orientada por critérios distintos entre os interlocutores.

### Perfil dos jornalistas entrevistados

País	Classe social		Formação			Início de carreira			Sexo	
	Média	Baixa	Não	Graduação ou pós	Graduação Outra	Até 1980	1980-2000	Depois	Homens	Mulheres
USA	14	2	1	15	0	5	6	5	7	9
JÁ	18	0	0	12	6	5	6	7	8	10
Total	32	2	1	27	6	10	12	12	15	19

Quadro 3: Perfil dos jornalistas entrevistados.

### 3.4. Aprimorando o questionário (Anexo II e III)

Para uma análise mais detalhada do caráter do jornalista, agora buscando compreender o discurso do grupo brasileiro e do grupo norte-americano, o questionário<sup>17</sup> ganhou algumas questões que pudessem ajudar a desenvolver ainda mais a análise do perfil do grupo e de sua relação com o discurso de valorização dos aspectos práticos. A partir destes novos elementos do questionário, surgiram

<sup>16</sup> Trata-se de uma amostra qualitativa. Esta pesquisa não tem intenção de produzir uma amostra que corresponda a números de pesquisas quantitativas sobre o perfil de jornalistas que atuam no Brasil e nos Estados Unidos.

<sup>17</sup> Os questionários nas versões em português e inglês estão disponíveis em anexo (Anexos II e III)

mais traços ligados à ideia de prática e de teoria que contribuíram ainda mais para entender o caráter do grupo.

O questionário sofreu alterações nesta etapa de entrevistas para que pudesse, assim como o primeiro, ser amplo e abordar diversos temas ligados ao jornalismo, sem propor o direcionamento para um recorte específico e tornar-se ainda mais claro e organizado. Novas perguntas foram acrescentadas, para que características dos modos de *ser* e *fazer* jornalismo pudessem aparecer e também para que a escolha retórica pelos aspectos práticos na formação do caráter do grupo fosse melhor definida.

Também busquei encontrar profissionais que tivessem iniciado a carreira em épocas distintas. Na primeira etapa de entrevistas para a Qualificação, organizei esta divisão, para o caso de haver entre profissionais de diferentes gerações diferentes percepções sobre o que significa ser e fazer jornalismo.

Nesta segunda etapa, optei por profissionais das diferentes gerações para que o caráter do grupo não contemplasse informações de um perfil geracional específico. Mas, a partir desta fase, o foco do trabalho está nos elementos semelhantes do grupo, independentemente das diferenças que possam surgir diante das faixas etárias.

O questionário manteve seu caráter confidencial, para que os entrevistados pudessem falar livremente. Além disso, a organização das questões manteve a intenção de abarcar as relações e percepções sobre o jornalismo desde a infância do entrevistado até o os dias atuais.

É importante destacar que, na fase das novas entrevistas, minha atenção estava mais voltada para os discursos relacionados à valorização dos elementos práticos na formação do caráter do jornalismo e nas definições sobre o que significa *ser* e *fazer* jornalismo mas, ainda assim, busquei não ser específica nas perguntas, mantendo o questionário amplo e sem um caminho traçado, para poder analisar se os novos entrevistados confirmariam, acrescentariam ou, ainda, modificariam essas características do caráter do jornalista.

Nesse sentido, as modificações do questionário não foram para limitar o jornalista a falar do recorte produzido neste trabalho. A organização se deu para compreender ainda de maneira mais clara que elementos formam e dão sentido ao caráter do jornalista e não para produzir um direcionamento. A diferença mais marcante entre este questionário e aquele produzido para a Qualificação é a minha visão para as respostas, agora mais direcionada para o entendimento sobre o que o jornalista denomina como prática e reivindica com aspecto característico e formador de seu caráter.

Portanto, se na primeira etapa de entrevistas foram apresentados aspectos que convergiam e divergiam nos depoimentos de jornalistas, a partir da divisão em gerações e outros critérios de diferenciação dentro do grupo, neste momento o olhar foi direcionado para a compreensão do que pode ser entendido retoricamente como prática e quais exemplos de atuação e identificação com estas práticas são revelados.

### **3.4.1. Modificações no questionário**

O questionário utilizado para entrevistar os jornalistas teve sua primeira modificação na forma, pois optei por dividir os itens por etapas, as etapas da vida dos jornalistas. No primeiro questionário, as perguntas foram realizadas sem nenhuma divisão e a escolha por dividir as questões por temas e etapas da vida do jornalista acabou auxiliando na percepção da relevância, existência e influência do jornalismo nessas diferentes fases da vida do profissional<sup>18</sup>.

A primeira parte<sup>19</sup> das entrevistas buscava ouvir sobre a infância do entrevistado, tendo como foco suas lembranças sobre meios de comunicação e sobre o jornalismo neste período da vida. Nesta fase, o questionário se manteve sem modificações, pois as perguntas formuladas foram suficientes para captar o

---

<sup>18</sup> Também foram revisadas questões relativas a aspectos gerais da profissão, a conceitos do Jornalismo e a opiniões dos profissionais relacionadas ao entendimento dos modos de ser e fazer jornalismo.

<sup>19</sup> Etapa “Infância e família”: 1) Em que ano você nasceu? 2) Onde nasceu? 3) Me fale sobre sua família: onde morava? Com quem? 4) Como foi a sua infância: o que lembra sobre sua escola, família, viagens. 5) Onde seus pais trabalhavam, sua situação financeira. 6) Da infância, o que lembra dos meios de comunicação? 7) O que lembra sobre jornalismo? 8) De onde veio sua primeira percepção sobre o jornalismo: TV, Rádio, jornal? Fale sobre isso. Você se lembra quantos anos você tinha?

tipo de relação que os jornalistas construíram com os meios de comunicação e com o jornalismo neste período.

A segunda parte<sup>20</sup> tinha a intenção de captar dos jornalistas referências da fase da adolescência, do período anterior à escolha de um curso universitário, ou seja, as questões buscavam saber sobre as referências e percepções sobre o jornalismo antes mesmo de se tornar uma escolha acadêmica.

A terceira parte<sup>21</sup> abordava questões sobre o período acadêmico do jornalista, as percepções sobre a profissão, as mudanças nessas percepções a partir de uma relação, neste momento, mais próxima ao exercício do jornalismo. Além de questões sobre a possível mudança nas percepções sobre modos de *ser* e *fazer* jornalismo a partir de uma relação agora mais direta com a profissão, foram abordados temas como as experiências de estágio e sobre as disciplinas do período acadêmico e sua utilidade no período profissional.

Algumas modificações no questionário ocorreram nesta fase. A primeira delas, na pergunta de número vinte e um, indaga de maneira mais enfática se há, nas experiências de estágio, diferenças entre a teoria acadêmica e a prática profissional. No questionário da Qualificação, esta pergunta estava formulada de maneira menos direta e, a partir do recorte da tese buscando analisar a construção de um discurso e de um caráter do jornalista em torno de elementos práticos, optei por fazê-la de maneira mais direta, buscando alcançar mais detalhes para esta questão.

---

<sup>20</sup> Etapa “Adolescência – período pré-universitário”: 9) Na sua adolescência, qual era a percepção sobre o jornalismo? 10) Com que referências tinha esta percepção? De onde vinha a imagem do que era fazer jornalismo? 11) Com quais elementos você decidiu fazer jornalismo? (Caso não tenha cursado a universidade, com quais elementos optou pela profissão?) 12) Que opiniões você escutou quando revelou que iria fazer jornalismo? O que seus pais, familiares, amigos acharam dessa escolha? 13) Onde e como você achava que iria atuar? 14) Descreva o que você pensava sobre a profissão, sobre o modelo que tinha sobre o modo de atuação.

<sup>21</sup> Etapa “Período Acadêmico”: 15) Durante o período acadêmico, o que mudou na sua percepção? 16) O que não mudou? 17) O que foi acrescentado? O que foi novo para você? 18) Fale um pouco sobre suas disciplinas: o que aprendeu, discordou, que matérias mais te agradaram, quais foram úteis para sua vida profissional, etc. 19) Comente suas experiências de estágio: o que aprendeu; as diferenças que percebeu entre a teoria e a prática. 20) De que maneira conseguiu estes estágios: indicação, sites, anúncios ou algum outro tipo de seleção? 21) Comente suas experiências como estagiário. Há diferenças entre a teoria acadêmica e a prática profissional? 22) Em que ano você se formou? 23) Me conte sobre a fase final da faculdade, quais eram as suas expectativas? O que você estava fazendo nesta época?

Também foram incluídas nesta etapa duas perguntas, são elas: “Em que ano você se formou?” e “Me conte sobre a fase final da faculdade, quais eram as suas expectativas? O que você estava fazendo nesta época?” Estas perguntas tinham a intenção de saber sobre as expectativas profissionais ao final do curso, o que o profissional esperava de seu futuro, se ele já estava atuando na área e suas impressões sobre seu trabalho.

Na quarta etapa<sup>22</sup> de perguntas, busquei saber informações sobre o período profissional dos jornalistas, explorando relatos sobre as experiências profissionais e tentando obter um enfoque ainda mais direcionado para elementos discursivos que tratam da percepção do jornalista sobre si mesmo, sua impressão pessoal sobre a profissão, seu entendimento sobre as diferentes gerações de profissionais e traços marcantes deste grupo específico e, principalmente, sua opinião sobre o que significa *ser* jornalista e *fazer* jornalismo.

A intenção de propor este questionamento mais direto nesta etapa se deu para o profissional incluir em sua avaliação sobre o que entende sobre *ser* jornalista e *fazer* jornalismo ações e interpretações baseadas em todas as fases de sua vida, sobre a formação deste caráter a partir de elementos adquiridos em sua infância, adolescência, período universitário e período profissional.

A quinta etapa<sup>23</sup> da entrevista relacionou questões gerais sobre o jornalismo, buscando uma avaliação do profissional tanto de sua imagem para o

---

<sup>22</sup> Etapa “Período Profissional”: 24) Comente suas experiências profissionais: onde foram, quais funções? 25) Fazendo um retrospecto, o que mudou na sua percepção sobre o jornalismo? Ou seja, pense desde a fase de criança até os dias de hoje e faça uma análise. 26) Na sua opinião, o que é ser jornalista? 27) Na sua opinião, o que é fazer jornalismo? 28) Você acha que sua impressão pessoal sobre o jornalismo pode ser uma percepção geral? Ou seja, demais jornalistas com diferentes faixas etárias, funções, formações pensam de modo semelhante? 30) Comente seu convívio com outras gerações de profissionais. Pense sobre o modo como eles enxergam a profissão e a maneira como trabalham. 31) Você acha que a opinião de jornalistas de outras gerações sobre ser jornalista e fazer jornalismo são parecidas ou diferentes da sua? Por quê? 32) Existe alguma característica que pode ser encontrada em qualquer jornalista? 33) É comum ouvir que jornalistas são contratados através de indicações ou recomendações. Você concorda com isso? 34) Você acha que esta maneira de conseguir emprego é mais comum no jornalismo que em outras carreiras?

<sup>23</sup> Etapa “Informações Gerais”: 35) Pense naqueles que não são jornalistas, qual é a ideia destas pessoas sobre o jornalista e sua atividade? 36) Como os jornalistas são retratados na ficção? Em novelas, filmes, séries de TV etc. 37) Na sua opinião, existe algum perfil típico de jornalista? Há algo que identifique alguém como jornalista pelo seu modo de vestir; classe social; aparência; personalidade? 38) Fale um pouco sobre o que é, na sua visão: a) Imparcialidade; b) Ética no jornalismo; c) busca pela verdade; d) anonimato da fonte 39) Comente a relação entre jornalismo e publicidade. 40) Para você, jornalista é um investigador, um descritor, um transformador social,



público em geral, quanto de termos, elementos, características que pudessem formar um perfil específico de jornalista. Também teve o objetivo de detalhar o caráter do jornalista, ao tentar saber a visão sobre questões consideradas inerentes ao jornalismo, como imparcialidade; ética; busca pela verdade; anonimato da fonte, assim como a relação entre o jornalismo e a publicidade e a importância dos Manuais de Redação para o trabalho jornalístico.

As questões de número quarenta e quarenta e dois foram produzidas para tentar alcançar mais uma vez elementos sobre o que significa *ser* jornalista e *fazer* jornalismo, respectivamente. Ao perguntar, na questão quarenta, se o jornalista é um investigador, um descritor, um transformador social, um intelectual ou um fiscalizador, tento provocar o profissional a se posicionar como alguém que se coloca em um papel, diante de um perfil estabelecido, ainda que ele não se sinta enquadrado em nenhuma destas definições e escolha alguma outra ou nenhuma. Em todo caso, é mais uma tentativa de fazer com que ele defina ainda mais uma vez o que entende por *ser* jornalista.

E com a questão de número quarenta e dois, que questiona qual é o papel do jornalista, faço mais uma tentativa de descobrir que modos de agir, ações, atitudes se espera deste profissional. Ou seja, que formas de *fazer* jornalismo unem o grupo e se tornam mais que comportamentos, se tornam aspectos de formação de um caráter de grupo.

A última etapa<sup>24</sup>, chamada de “Comentários finais” incluía duas questões para que o jornalista descrevesse seu trabalho, aquilo que faz enquanto jornalista e também sua rotina, um dia de trabalho em sua vida. Além dessas questões acrescentei a pergunta “O que faz de alguém um bom jornalista?” para que as características entendidas pelos jornalistas como relevantes ao seu caráter fossem descritas. Saber o que significa ser um “bom jornalista” me daria chances de

---

um intelectual, um fiscalizador? Por quê? 41) Para que serve o Manual de Redação? Você o utiliza? Com qual frequência? Em que momentos? 42) Qual é o papel do jornalista? 43) Como você busca ser imparcial?

<sup>24</sup> Etapa “Comentários Finais”: 44) Me explique como funciona o seu trabalho, como você o descreveria. 45) Descreva o seu dia de trabalho. 46) O que faz de alguém um bom jornalista? 47) Algum comentário final? Há algo sobre o que entende que é *fazer* jornalismo e *ser* jornalista que gostaria de adicionar, que não foi perguntado?

compreender quais são os critérios utilizados para que o jornalista seja considerado um profissional reconhecido por seus pares.

Por fim, a última pergunta indagava se havia algo que constitui o caráter do jornalista, o que eles entendem como *ser e fazer* jornalismo, que não havia sido contemplado nas perguntas anteriores. Esta pergunta se mostrou muito importante, já que muitos profissionais, neste momento final, chamaram atenção para a necessidade de estar atento às mudanças no jornalismo e como elas devem ser encaradas para o futuro do grupo.

### **3.5.**

#### **Análise dos discursos: traços do caráter a partir dos questionários**

A partir desta nova etapa de entrevistas, com jornalistas brasileiros e norte-americanos, muitos aspectos práticos citados durante a entrevista de Qualificação surgiram novamente nos discursos dos jornalistas. Além deles, novas questões foram relacionadas a uma ideia de “prática”, que se aproxima do caráter do jornalista, e de “teoria”, que se afasta dos elementos retoricamente reivindicados como formadores do caráter do jornalista.

Os elementos práticos e teóricos citados no Capítulo 2<sup>25</sup> serão revisitados a partir dos novos depoimentos e novos elementos serão incluídos entre os fatores que representam e que não representam o caráter do jornalista. Assim, itens já citados e também novos atributos relacionados à prática serão mais uma vez colocados em oposição aos aspectos teóricos, àqueles que os jornalistas julgavam fora do contexto de formação de seu caráter.

#### **3.5.1.**

##### **Local de trabalho, ambiente interno X Universidade e ambientes externos**

Esta relação com o local de trabalho está associada a uma ideia de um ambiente onde os profissionais se reconhecem, reconhecem uma linguagem específica, criam um mundo que organiza e dá sentido ao seu trabalho. E, ainda que este ambiente de trabalho seja a rua, como muitas vezes relatado pelos

---

<sup>25</sup> Trata-se do quadro comparativo localizado no Capítulo 2, que buscou sintetizar fatores que representam e fatores que não representam o “caráter do jornalista”.

profissionais, já que as redações são o ambiente de organização de pautas e redação dos textos enquanto as ruas são onde se busca a informação, onde a notícia acontece, ele é percebido pelos próprios dos jornalistas como sendo seu local de trabalho, numa relação tida como interna.

Assim, seja em um espaço explicitamente ligado ao jornalista, como as redações, seja um local público como as ruas, há uma relação do grupo com estes locais que os apresenta como sendo seus. Na visão dos jornalistas, a formação do caráter se dá a partir de uma relação de dentro para fora, de um mundo construído pelo grupo e não de um mundo social mais amplo que participa anteriormente da formação do grupo.

A partir das frases de jornalistas brasileiros - “Os profissionais são formados nas redações e não nas universidades”; “Jornalista aprende na rua, indo atrás de notícia”; “Tem profissões que você aprende na universidade, jornalismo não”; “Quer aprender a fazer jornalismo: vá para a rua, leia, se informe, fique atento aos seus colegas”; “A realidade do jornalismo é bem mais dura do que nos fazem acreditar na faculdade” - é possível perceber que os modos de *fazer* jornalismo estão relacionados às redações, onde praticam e aprendem com os colegas e nas ruas, ambiente que lhes dá as ferramentas, o material de trabalho.

Além disso, se faz notar a partir dos discursos que os aspectos práticos se reforçam a partir de uma oposição, negando a participação de ambientes como o acadêmico, tidos pelos profissionais como externos, não influentes na formação do caráter do grupo.

Em frases retiradas de entrevistas com jornalistas norte-americanos, mas também presentes de modo semelhante entre os brasileiros, há ainda a apresentação mais evidente da tentativa de se dissociar de um ambiente externo, especialmente ao referir-se ao ambiente acadêmico: “Eu acho que é difícil que te ensinem (numa escola de jornalismo) aquilo que você terá como experiência no jornalismo. Eu acho que estagiar é onde você começa a ter a percepção do que fazer neste trabalho; “Eu não sou contra escolas de jornalismo, mas eu não as vejo como uma necessidade, pra mim eu não achei necessário”; “O que me lembro da

faculdade de jornalismo? Dos contatos que fiz. Não acho que a universidade é tão importante para formar um bom jornalista”.

Ao notar esta relação da universidade enquanto ambiente externo, de pouca relevância na retórica do grupo para a constituição de seu caráter, verifiquei que, nas respostas à questão de número dezoito<sup>26</sup> do questionário, poucos jornalistas citaram disciplinas, textos e professores universitários como altamente relevantes ou simplesmente relevantes para a formação de seu caráter.

Dos trinta e quatro jornalistas entrevistados, vinte e sete realizaram graduação e/ou pós-graduação em cursos de Jornalismo. Destes vinte e sete, apenas nove, cinco brasileiros e quatro norte-americanos, citaram como relevantes as disciplinas acadêmicas e o ambiente universitário para a formação de seu caráter. Ainda assim, estes nove jornalistas em seus depoimentos não conseguiam lembrar o nome de mais que quatro disciplinas cursadas e apresentar quais conteúdos, técnicas ou reflexões destes cursos foram úteis para sua prática jornalística. E mesmo aqueles que citam a importância do ensino acadêmico não apresentaram quantidade significativa de argumentos ou exemplos de como o ambiente acadêmico foi relevante para a formação de seu caráter<sup>27</sup>.

### **3.5.2. Vocação, dom X Diploma, certificado acadêmico**

Outros dois temas que buscaram dissociar o caráter do jornalista do mundo acadêmico surgiram nos itens “Vocação X Diploma” e “Habilidade de adaptação X Dificuldade de adaptação”. O primeiro deles em “Vocação X Diploma” aponta para a construção de um discurso favorável a uma ideia de que, para ser jornalista, é preciso que exista um dom, uma vocação e que essas habilidades não são necessariamente adquiridas num curso universitário, ao se conseguir um diploma, um certificado acadêmico.

---

<sup>26</sup> Questão 18) Fale um pouco sobre suas disciplinas: o que aprendeu, discordou, que matérias mais te agradaram, quais foram úteis para sua vida profissional, etc.

<sup>27</sup> A etapa do Questionário “Período Acadêmico”, das questões 15 a 23, buscaram perceber a participação do ambiente acadêmico na formação do caráter do jornalista. Além destas questões específicas, questões gerais também poderiam receber menções da importância do ambiente acadêmico para o caráter do grupo.

O ambiente de trabalho onde os jornalistas aprendem sobre seu trabalho, observam seus colegas, criam e recriam suas práticas é também o lugar onde, ao observar a atuação profissional, se percebe a existência da vocação. No caso dos jornalistas, a perspicácia para encontrar uma informação, uma fonte, uma novidade, a qualidade do texto, qualidade esta julgada pelo grupo, são formas de ganhar e perceber a vocação, o dom do colega.

Em inúmeros depoimentos, jornalistas revelaram que escrevem suas matérias pensando no que os colegas vão achar, e que desejam conseguir textos, furos, informações, fontes e ideias tais quais as do colega que todos elogiam e julgam ser um bom jornalista. E não será através de cursos acadêmicos e técnicas padronizadas que haverá o reconhecimento deste dom entre os pares. Nas palavras de um jornalista norte-americano:

“Um bom jornalista é aquele que você percebe que tem o dom, aquele que descobre coisas que ninguém imaginou, que pensa em assuntos novos, fala com as pessoas certas. Não sei explicar, mas parece que é algo que nasce contigo, você tem ou não tem.”

Quanto à baixa atribuição de potencialização desta vocação na experiência universitária, um jornalista brasileiro completa:

“Tem coisas que a gente não aprende. Você pode até treinar técnicas pra escrever bem na faculdade, mas já ouviu a expressão ‘treino é treino e jogo é jogo?’, então, é a mesma coisa. Você só sabe quem é bom na hora que tem que mostrar serviço, quando tem que tirar ideia da cartola.”

### **3.5.3. Habilidade de produzir informação X Dificuldade de produzir informação**

No quadro organizado no final do Capítulo 1 com fatores da “prática”, que representam o caráter do jornalista, e fatores da “teoria”, que não representam o caráter do jornalista, temas como “imparcialidade”, “objetividade” e “verdade” estavam do lado “prático” do caráter, enquanto “parcialidade”, “subjetividade”, “narrativa” e “interpretação social dos fatos” estavam do lado “teórico” do quadro.

No decorrer das novas entrevistas, percebi que estas noções estavam sendo questionadas por alguns dos jornalistas. Muitos deles buscavam explicar que as

ideias de “imparcialidade” e “verdade” como pilares do jornalismo nada mais são que utopias:

“Imparcialidade não existe. Nós não somos imparciais, o jornal onde eu trabalho não é imparcial, nenhum outro é. Mas isso não quer dizer que você não tenha compromisso com a informação. Tem que checar, ir atrás mesmo. Eu não acredito na primeira coisa que me falam porque pra virar notícia você tem que tratar a informação da melhor maneira possível.<sup>28</sup>”

Além disso, muitos buscaram mostrar que o que se espera de um jornalista não é que ele seja imparcial e tente alcançar uma verdade inquestionável, mas que seja “justo; cheque as informações; seja fiel aos fatos; investigue; trate a informação da melhor maneira possível; apure os diversos lados de uma notícia; não se conforme apenas com uma fonte”. Ou seja, em exemplos colhidos dos depoimentos, o que o jornalista procura fazer e exigir do grupo é uma “habilidade de se adaptar para lidar com os fatos”:

“Você tem que checar se foi feito direito e não é só pelo seu nome, mas é pela informação errada. O bom jornalista tem que checar cada informação que ele publica, tem que ter respeito pelas fontes<sup>29</sup>.”

Nesse sentido, as ideias de “imparcialidade”, “objetividade” e “verdade”, apesar de ainda presentes entre alguns jornalistas enquanto características do caráter do grupo, não apareciam mais enquanto consenso, devido aos questionamentos a estes elementos. Aquilo que unia o grupo em torno da postura com relação aos modos de apurar, escrever e divulgar uma notícia estava em comum acordo a partir da ideia de que o jornalista possui uma habilidade, uma postura que o faz saber a maneira correta de levar a informação:

“Pessoalmente, eu acho que todos os jornalistas devem tentar com força buscar a informação. Acho que as pessoas têm o poder de mandar informação para o mundo, mas o jornalista é aquele que tenta a todo custo levar a informação correta, com o contexto correto, mostrando as razões da relevância da informação<sup>30</sup>.”

E esta postura parece ganhar um significado mais próximo ao caráter, ao ser parte do discurso daqueles que dizem buscar imparcialidade, verdade e objetividade no trato com a informação, no exercício do jornalismo e também

<sup>28</sup> Profissional dos Estados Unidos, ao questionar a ideia de imparcialidade no jornalismo.

<sup>29</sup> Depoimento de jornalista brasileira.

<sup>30</sup> Depoimento de jornalista norte-americana.

entre aqueles que relativizam e/ou questionam a possibilidade de ser o jornalista imparcial e objetivo:

“Eu colo na minha parede [na redação] recados para lembrar que tipo de jornalista eu tenho que ser. Um dos lembretes diz: “conceber, apurar, focar, organizar, rascunhar e revisar”<sup>31</sup>.

#### 3.5.4.

#### **Talento para escrita, faro jornalístico X Influência dos capitais escolar e familiar e pertencimento a uma classe social**

Na primeira etapa das entrevistas, produzi esta diferenciação entre talento e faro do jornalista *versus* influência dos capitais *escolar* e *familiar*<sup>32</sup> e o pertencimento a uma classe social, pois nos discursos dos jornalistas havia uma reivindicação de que suas habilidades para escrever, de ter acesso à leitura e aos meios de comunicação estavam mais relacionadas às noções de talento e faro para o exercício da profissão que a uma possibilidade de adquirir tais habilidades a partir de um contexto familiar, escolar e de classe<sup>33</sup> que propiciassem condições de se desenvolverem tais capacidades de escrita, criatividade e tino para o trabalho jornalístico.

Ou seja, para os jornalistas, o fato de terem talento para a escrita e faro jornalístico está mais ligado a uma ideia de habilidade inata, que nasce com o indivíduo, que a condições sociais, econômicas, culturais que cercaram o profissional ao longo de sua vida, dando a ele condições de desenvolver habilidades e códigos que o tornassem capaz de exercer tal profissão.

“Gostar de ler, escrever bem, ser criativo, ter facilidade de conhecer e ouvir pessoas, saber o que é importante de ser apurado e divulgado ao público”, todos esses parecem ser traços do caráter adquiridos de maneira “natural”. É uma maneira de naturalizar talento e faro apresentando-os como características que

<sup>31</sup> Tradução minha de fala de jornalista norte-americano para: “conceive, collect, focus, organize, draft, revise”.

<sup>32</sup> Conceitos retirados da teoria de **Pierre Bourdieu (1977)** e apresentados no Capítulo 2.

<sup>33</sup> Dos trinta e quatro entrevistados, trinta e dois definiram a condição econômica de sua família como “classe média”, frequentando escolas de qualidade, além de terem acesso a meios de comunicação (TV, Jornal, Radio) em suas casas. Apenas dois jornalistas se disseram oriundos de famílias pobres com limitações de acesso a certos meios de comunicação e a um ensino de qualidade durante infância e adolescência.

“nascem com os indivíduos” e não a partir de estímulos, influências aos quais foram submetidos ao longo da vida.

### **3.5.5.**

#### **Grupo de jornalistas X Público geral, senso comum, sociedade**

“Os colegas, a redação, a rua, a pauta, as notícias, a apuração, a reunião, os contatos, a manchete, o furo, o texto, a foto, a capa”; os termos utilizados pelos profissionais para descrever elementos da rotina de trabalho são predominantemente autorreferenciais, indicando que existe um comportamento interpretativo de uma realidade construída a partir do grupo e não de maneira inversa, quando a influência do público geral, do senso comum e da sociedade serviriam como base fundadora do caráter.

Uma jornalista norte-americana disse algo que ajuda a evidenciar a existência de um perfil diferenciado do grupo e que “pessoas comuns”, mesmo sendo o jornal direcionado a elas e abordando temas do cotidiano social geral e não relativas ao grupo, não entenderiam o trabalho do jornalista pois não possuem as ferramentas necessárias para atuar enquanto jornalista:

“Pessoas comuns não entendem o que o jornalista faz. Minha mãe não entende o que eu faço, ela vê o jornal pronto e acha que é a coisa mais simples do mundo, não percebe o caminho entre escolher e apurar a notícia até sua divulgação.”

Este traço peculiar ao grupo, de se perceber através de ações e interpretações internas, é bastante relevante, exatamente por se tratar de um grupo de profissionais que produz notícias se valendo de informações da sociedade e do público de maneira geral. Ou seja, enquanto se definem a partir das práticas internas, existem utilizando como “material de trabalho” informações obtidas num quadro social mais amplo que o seu e informando um público que não aparece no discurso como fonte de inspiração primária para a formação de seu caráter.

Isso não significa que os jornalistas não tenham a percepção de que trabalham para informar um público geral. Muito pelo contrário, muitos depoimentos explicitam que a função do jornalista é trazer para aqueles que não podem estar em todos os lugares notícias relevantes sobre a sociedade onde vivem



e o restante do mundo. É uma questão de ordenação<sup>34</sup> da lógica da formação do caráter, de dentro para fora, uma visão onde o jornalista busca e “traduz” a informação para o público.

O que quero dizer é que há a construção de uma noção de que as habilidades que fazem de alguém um jornalista, e um bom jornalista, se alcançam a partir de uma base que é adquirida no processo de inserção ao grupo. Assim, as influências sociais, tanto das fontes de trabalho (a sociedade) quanto do público (senso comum) parecem menos relevantes na formação do caráter do grupo que os ambientes internos (redação, rua) e os atores internos (jornalistas).

### 3.5.6.

#### **Mundo do trabalho sem rotina X Mundo do trabalho rotinizado**

Um traço do jornalista, segundo o próprio grupo, é a falta de rotina no trabalho. Ao lidar com informações novas a cada dia, o jornalista não sabe o que esperar de seu dia de trabalho. O depoimento de um jornalista dos Estados Unidos evidencia bem a falta rotina no trabalho:

“Eu acho que não existe rotina de trabalho porque no jornalismo você reage ao fluxo dos acontecimentos. Muitas vezes você chega na redação sem saber o que vai acontecer, muitas vezes você precisa deixar de lado uma matéria em que estava trabalhando para poder fazer outra matéria sobre algo que surgiu de repente. Nessa semana, por exemplo, isso aconteceu comigo. E isso exige do jornal e do jornalista a capacidade de reagir aos fatos na hora.”

Essa “falta de rotina” do jornalista é apresentada como um tipo de trabalho que foge ao modelo convencional, no qual os trabalhadores têm horários de entrada e saída bem definidos e tarefas bem estabelecidas a serem realizadas ao longo do dia. Para o jornalista, seu trabalho e horário são flexíveis, precisam se adaptar à notícia, aos acontecimentos e, portanto, se diferenciam da rotina de um profissional “comum”:

“A nossa rotina é não ter rotina. Se você não sabe o que pode acontecer ao longo do dia, também não tem como prever meu trabalho. Tem coisas que eu faço bastante, que pode até chamar de rotina porque chego, ligo o computador, leio meus e-mails, vou para reunião de pauta, falo com meu editor e com meus

---

<sup>34</sup> Uma outra ordenação poderia sugerir que a sociedade, com seus fatos e pessoas, acaba por formar um perfil de jornalistas e modos de atuação e, sendo assim, o profissional colocaria na base de formação de seu caráter a percepção de um contexto social mais amplo prevalecendo entre os modos de *ser* e *fazer* jornalismo.

colegas. Mas de repente tudo pode mudar, posso ter que ir correndo pra rua ou fazer uma pesquisa urgente. É isso que eu chamo de não ter rotina, entende?”<sup>35</sup>

### 3.5.7. Compromisso x Remuneração

Outro aspecto sobre o caráter do jornalista, que foi se delineando a partir das novas entrevistas, foi o sentido de compromisso com a profissão em oposição a um trabalho realizado para a conquista de *status* financeiro.

O sentido de compromisso surge enquanto um critério relacionado à “prática” no caráter do jornalista e pode ser percebido através do relato de um jornalista norte-americano que diz que em sua visão:

“Ser jornalista, claro que vai além de um emprego onde você chega às nove da manhã e fica até as cinco da tarde. É muito mais, requer sacrifício, requer um compromisso profundo, uma grande vontade de informar”.

Esta relação de compromisso profundo com o trabalho ganha o sentido de missão, de responsabilidade que não é possível ser abandonada. A relação que o grupo produz com seu trabalho, com a informação, se torna mais que uma tarefa, pois ganha um teor de comprometimento que ultrapassa o sentido de uma tarefa laboral cotidiana.

Uma das formas de se perceber como este compromisso com a profissão extrapola a dimensão de tarefa de trabalho para se tornar parte integrante da identidade e do papel social que o grupo estabelece para formar seu caráter se faz notar quando comparadas a relação entre o trabalho e a remuneração no jornalismo.

O comprometimento com a informação, com os modos de *ser* e *fazer* jornalismo criados e recriados pelo grupo, é percebido como fator primordial para o caráter do grupo, mas este comprometimento não pode ser medido pela remuneração do profissional. Muitos depoimentos revelam que a remuneração não é compatível com o trabalho e com o compromisso do grupo e, ainda assim, o sentido de responsabilidade sobre a função parece prevalecer e ser capaz de mantê-los atuando.

---

<sup>35</sup> Palavras de profissional de um jornal norte-americano.

No caso dos jornalistas norte-americanos, a relação entre o trabalho e a remuneração é percebida como “suficiente para pagar as contas”, “dá pra viver”, mas ainda assim: “não dá pra dizer que você fica rico trabalhando como jornalista” e “quem escolhe jornalismo não escolhe pensando em ficar rico”. Ou seja, entre o grupo que atua nos Estados Unidos, a remuneração é suficiente para uma vida compatível com os padrões da classe média.

No caso brasileiro, muitos jornalistas se queixam da baixa remuneração e das dificuldades de se viver com baixos salários. Entre eles existe a percepção de que seu trabalho, sua missão enquanto jornalista não é reconhecida financeiramente. Em muitos depoimentos havia frases como “se quisesse ficar rico escolheria outra carreira” ou “não espere salários gordos, reconhecimento é ter matéria publicada”:

“Se eu quisesse ficar rica ia ser advogada, economista, ia trabalhar no mercado financeiro, eu não escolhi a profissão por isso. Mas é uma realidade dura. (...) Na faculdade eu já estava consciente da besteira que eu estava fazendo mas você começa a trabalhar e já viu, né? O problema é que eu sempre acreditei na importância da profissão, é isso que me faz continuar”.<sup>36</sup>

O que une os jornalistas, nesse caso, é o caráter de compromisso com a escolha profissional. E o valor que o grupo atribui a esta escolha é tão forte que ultrapassa as ambições por *status* financeiro e as dificuldades financeiras impostas pela profissão. Portanto, ainda que em dimensões distintas com relação às condições financeiras da profissão, há um sentido de responsabilidade com o trabalho que une profissionais de ambos os países e incluem este senso de missão entre os requisitos práticos que ajudam a construir o caráter do jornalista.

### **3.5.8. Curiosidade**

Ao longo da elaboração de definições dos aspectos práticos e teóricos do caráter do jornalista a partir das entrevistas com brasileiros e norte-americanos, busquei frases, trechos, palavras e expressões que pudessem representar as ideias que o grupo discursivamente foi construindo acerca de si mesmo, daquilo que entendia como elementos formadores de seu caráter ou afastados dele.

---

<sup>36</sup> Palavras de jornalista de um jornal do Rio de Janeiro.

Neste caminho de ir retornando às entrevistas, uma a uma, para buscar estas formas de exemplificar traços do caráter do jornalista, me deparei com uma palavra que esteve presente em todos os depoimentos: curiosidade. Todos os jornalistas citavam a curiosidade como a característica que não pode faltar ao jornalista. Para ser jornalista, para ser um bom jornalista, é preciso ter curiosidade. E a curiosidade não é colocada em oposição a outro elemento ou a uma possível falta de curiosidade por parte daqueles que não são jornalistas.

Nem todo curioso é jornalista, mas todo jornalista é curioso. É que a curiosidade do jornalista é seu motor, seu coração, o critério que move sua máquina, seu corpo. Esta curiosidade peculiar que move o jornalista deve ser analisada para se pensar no grupo, em seus aspectos específicos e na maneira como estes aspectos são construídos.

Dessa forma, o jornalista, reconhecidamente um curioso, transforma essa curiosidade em compromisso, ao organizar maneiras de apresentar a notícia; transforma essa curiosidade em talento, ao desenvolver uma habilidade para escrever que será julgada e reconhecida entre os pares; transforma essa curiosidade em busca pelo novo, pela descoberta de fatos num mundo sem rotina; transforma essa curiosidade em postura diante dos fatos que apura; transforma essa curiosidade em missão e vocação acima das expectativas financeiras; transforma em quesito essencial ao seu caráter, fazendo deste aspecto subjetivo um elemento prático e revelador do grupo.

A curiosidade, apesar de ser um aspecto qualitativo e subjetivo, torna-se, nos discursos dos jornalistas, um aspecto necessário, uma condição *sine qua non* ao grupo. Frases como “ser jornalista é ser primeiro de tudo um curioso”; “você identifica o jornalista por sua curiosidade, ele vai atrás, quer saber sempre mais”; “eu não me satisfaço fácil, tenho sempre que saber o que está acontecendo”; “você reconhece um bom jornalista pois ele não cansa de fazer perguntas, é quem gosta de perguntar e perguntar mais do que qualquer um perguntaria” são exemplos de como a curiosidade é um condição essencial, ela tem que estar presente e ser atuante nos modos de *ser* e *fazer* jornalismo.

É, portanto, distintiva, sem precisar se contrapor a nenhuma outra característica da construção discursiva do grupo, e capaz de se revelar um importante aspecto formador do caráter do grupo. Surge enquanto traço marcante por ser uma espécie de condição, de força que move o indivíduo para a profissão. Como se esta curiosidade fosse, em certo sentido, extraordinária e encontrasse no jornalismo seu encaixe ideal: como se a partir deste encontro entre curiosidade e jornalismo, se formassem aspectos peculiares ao grupo, constituindo novas maneiras de o grupo se distinguir dos demais indivíduos.

Por outro lado, esta maneira de construir a própria imagem é importante para a interpretação mais ampla sobre o grupo, já que serve como exemplo para mostrar a capacidade do jornalista de transformar aspectos subjetivos em objetivos, em trazer para sua zona “prática” questões que ultrapassam os aspectos facilmente identificados como práticos. Ou seja, a ideia unânime de curiosidade necessária e que move o trabalho, comportamento, modos de percepção do outro, em suma, modos de *ser e fazer* jornalismo, permite pensar em quanto o grupo consegue produzir um significado para seu caráter se apropriando de aspectos não claramente práticos e inserindo-os nesta categoria.

Portanto, o quesito “curiosidade” se mostrou extremamente revelador do grupo, pois trouxe à tona um relevante traço do caráter do jornalista: a capacidade de classificar aspectos como práticos apesar de serem passíveis de interpretações ou percepções contrárias a essa classificação. A construção retórica favorável aos elementos práticos que ganham forma discursivamente e que moldam os modos de *ser e fazer* jornalismo, ao se depararem com a característica “curiosidade” enquanto constitutiva do grupo, acaba por revelar aspectos importantes da construção do caráter do grupo.

O primeiro deles é a percepção de que o discurso é construído, é criado de modo a se estabelecer pelo grupo critérios que julgam mais próximos ao seu caráter e por ser uma construção, poderia ter envolvido outros elementos, até mesmo aqueles colocados na categoria de teoria, entre os agregadores para a formação do caráter. Assim, quando os jornalistas apoiam seu caráter em elementos subjetivos tais como o aspecto da “curiosidade” e os incorporam como aspectos práticos, evidenciam que a produção discursiva e de sua identidade são

parte de um processo de escolhas e não de condições intransponíveis e evidentes do que deve ser um aspecto inerente ao grupo.

O segundo aspecto relevante que se pode perceber a partir desta construção do caráter está justamente na possibilidade de se analisar quais são estas escolhas, que elementos são reivindicados pelo grupo. Portanto, o caráter do jornalista deve ser analisado levando em consideração o seu aspecto de escolha num universo de elementos mais amplo que aquele reivindicado pelo grupo e também a partir da descoberta e análise dos aspectos que o grupo seleciona para designar-se.